

Canoas, Edição especial, comemorativo aos 10 anos do Doutorado em Educação, 2024

 <http://dx.doi.org/10.18316/recc.espi1.12138>

Os super-heróis como possibilidades de alcance para promoção de competências socioemocionais

Superheroes as possibilities for promoting socio-emotional skills

Gelson Vanderlei Weschenfelder¹

Resumo: Os super-heróis das histórias em quadrinhos e suas derivações para outros produtos midiáticos (como por exemplo o cinema e séries) apresentam, em suas histórias, questões referentes a condição humana, como por exemplo temas ligadas a diversas virtudes; confiança mútua; trabalho em equipe; força e coragem para enfrentar desafios; discussões sobre ética, moral, política e sociedade; espírito comunitários e entre outros temas inspiradores para o desenvolvimento humano. Muitos dos temas abordados em uma história em quadrinhos trazem consigo questões referentes a competências socioemocionais dos personagens. Entretanto, esses ícones da cultura pop estão distantes dos docentes e suas práticas pedagógicas. Muito disso se dá pelo desconhecimento e a pela desvalorização desta manifestação cultural, além de não haver formações sobre o uso desses em ambiente escolares. Há muitos estudos que demonstram as vantagens em utilizar essas histórias em ambiente escolar, além do mais, esses objetos, em algumas áreas do conhecimento, são fortes influências positivas, possibilitando o empoderamento de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social, principalmente na escola. Essa produção possui como objetivo analisar e propor novas possibilidades de formação continuada para docentes de escolas de Educação Básica, e demonstrar que histórias de super-heróis podem ser importantes recursos para o desenvolvimento de intervenções que promovem o desenvolvimento de competências socioemocionais e de educação ética em contextos educativos diversos.

Palavras-chave: formação docente; histórias em quadrinhos; super-heróis e competências socioemocionais.

¹ Doutor e Mestre em Educação (Unilasalle); Graduado em Filosofia. Graduando em Psicopedagogia e Pedagogia. Professor Substituto do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Farroupilha. E-mail: gellfilo@gmail.com

Abstract: Comic book superheroes and their spin-offs in other media products (such as movies and series), present issues relating to the human condition in their stories, such as themes linked to various virtues; mutual trust; teamwork; strength and courage to face challenges; discussions about ethics, morals, politics and society; community spirit and other inspiring themes for human development. Many of the themes addressed in a comic book bring with them issues relating to the socio-emotional competencies of the characters. But these pop culture icons are far removed from teachers and their teaching practices. Much of this is due to the lack of knowledge and devaluation of this cultural manifestation, as well as the fact that there is no training on how to use them in a school environment. There are already many studies that demonstrate the advantages of using these stories in school environments. Furthermore, in some areas of knowledge, these objects are strong positive influences, thus enabling the empowerment of children and adolescents in situations of social vulnerability, especially in school environments. The aim of this production is to analyze and propose new possibilities for continuing training for teachers in basic education schools and to demonstrate that superheroes can be important resources for developing interventions to generate socio-emotional and educational competencies.

Keywords: teacher training; comics; superheroes and social and emotional skills

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das histórias em quadrinhos (HQs), os enredos com super-heróis são focados em questões referentes ao que todo ser humano enfrenta no cotidiano, como ética, justiça, espírito comunitário, confiança mútua, força e coragem, temas também inspiradores para a Educação. No campo educacional há uma desvalorização e desconhecimento de como utilizar ícones da cultura pop, como personagens super-heróicos das histórias em quadrinhos (gênero de superaventura), em sala de aula., Nos dias de hoje há inúmeros estudos que vem mostrar os ganhos no rendimento dos alunos em utilizar esses personagens, como Weschenfelder (2017). Usados em diversas áreas, os super-heróis são fortes influências e podem mostrar a crianças e adolescentes como se comportarem em situações de risco e vulnerabilidade social, principalmente em ambiente escolar.

É inegável o crescente número de pessoas que vivem em condições desfavoráveis no Brasil e no mundo. Essas condições independem de idade, localização geográfica ou densidade populacional. Por isso, muitos profissionais da área da Educação, Psicologia e ciências afins vêm buscando estudar recursos e possibilidades de investimentos em pesquisas que tragam conhecimento acerca de intervenções psicoeducacionais positivas.

Um grupo, em particular, merece a atenção de investigadores: as crianças e jovens. Pelas peculiaridades das fases de desenvolvimento em que se inserem, estão expostos a condições que podem resultar em comportamentos, padrões de conduta e rotinas que, por vezes, perduram durante a fase adulta (Windle *et al.*, 2004; Krug *et al.*, 2004). No Brasil, conforme balanço do governo (Rede Nacional Primeira Infância, 2015), de janeiro a julho de 2015, ocorreram 66.518 denúncias de violações de direitos humanos. Destas, 42.114 estavam relacionadas a violações dos direitos de crianças e adolescentes, o que equivalia a 63,2% das denúncias realizadas.

Segundo o estudo da Rede Nacional da Primeira Infância (2015), os abusos registrados contra crianças e adolescentes estão relacionados a episódios de negligência (definida como a ausência ou ineficiência no cuidado), com 76,35% dos abusos, seguida de violência psicológica, com (47,76%), violência física (42,66%) e violência sexual (21,90%). Estudos indicam que crianças que sofreram abandono ou negligência dos pais, abusos e outros tipos de violências e/ou privações apresentam taxas mais elevadas de comportamentos de risco na fase adulta (Juffe; Van Ijzendoorn, 2005). Sem a intervenção adequada os resultados como baixa autoestima, tendências suicidas, uso de substâncias e comportamento sexual de risco, entre outros, poderão agravar-se ao longo da adolescência e perdurar na idade adulta (Zappe; Dell'Aglio, 2016). Após a pandemia do Covid-19, nota-se que houve um aumento significativo

das desigualdades sociais e, da mesma forma, o aumento das adversidades sofridas. Há uma necessidade emergente de rever ações e práticas que auxiliem os estudantes em ambientes escolares, trabalhando as competências socioemocionais e auxiliando com intervenções que amparem para a superação/empoderamento destas adversidades sociais.

A NECESSIDADE DE PENSAR O INDIVÍDUO COMO UM TODO

As políticas sociais de atendimento infanto-juvenil, promoção de desenvolvimento saudável, além de educação de qualidade para melhores condições de vida e de convivência social, ainda estão em estágios rudimentares no Brasil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foca no ser humano que está se desenvolvendo em todas as suas dimensões, para além da compreensão de conteúdo. A proposta da BNCC (Brasil, 2018) destaca a necessidade de que os espaços de aprendizagem sejam inclusivos, livres de discriminação e preconceitos, além de respeitarem as diferenças, favorecendo o desenvolvimento pleno de cada indivíduo. O documento também enfatiza a relevância dessas perspectivas para o século XXI.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável exige mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, lidar com as informações cada vez mais disponíveis, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, além de conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (Brasil, 2018, p.14).

No entanto, ainda há muito a ser feito a partir das políticas sociais e educacionais. Possibilitar que crianças e adolescentes em situações de risco psicossocial tenham oportunidades justas de expressão de seus talentos e capacidades de criação é a meta que se pretende alcançar num país que luta por igualdade e equidade social. É importante que pesquisadores, profissionais da área da Educação, Saúde e pais se unam no sentido de propiciar às crianças todas as condições possíveis e necessárias para um desenvolvimento saudável, em uma vida comunitária que funcione efetivamente em rede de modo cooperativo, digno, respeitando suas particularidades. Porém, os recursos sociais, na maioria das vezes, são disponibilizados de forma pouco igualitária e justa. Algumas crianças crescem em famílias estáveis e amorosas, enquanto outras nunca puderam sentir a presença de alguém que, como diria Bronfenbrenner (1996), fosse “louco por ela”. Essas crianças, muitas vezes, lutam nas ruas por condições mínimas de subsistência. Para pesquisadores das áreas da Saúde e da Educação, essas crianças podem estar em situações caracterizadas por riscos, pelo “simples” fato de não terem proximidade com pessoas que as compreendam como “seres em desenvolvimento e pessoas-em-contextos” (Bronfenbrenner, 1996).

Em tempo de Covid-19 e isolamento social, milhões de crianças e jovens deixaram suas escolas e estiveram dentro de suas casas, tendo de lidar com uma rotina nunca vivenciada. Como famílias e educadores podem encarar esse novo paradigma que nos tirou da zona de conforto? Como praticar uma mudança de mentalidade, sem estresse e desconforto? Entender mais sobre as competências socioemocionais e como é possível para qualquer pessoa as desenvolver é o caminho para seguirmos fortalecidos nesse momento.

Vivenciamos este momento difícil onde a pandemia do Covid-19 aumentou as desigualdades e também as adversidades sociais. As competências socioemocionais foram colocadas à prova com maior impacto negativo, ainda mais nesse contexto de crise. Para lidar com insegurança, ansiedade, medo, isolamento, mudança de rotinas e indefinições é preciso ter empatia, resiliência, foco, responsabilidade, cuidado consigo e com o outro, entre outras competências.

Há necessidades de criar estratégias e práticas que apoiam a Educação no desenvolvimento dessas competências socioemocionais. Assim, para tentar barrar essas situações de vulnerabilidades, que impedem nossos jovens a se desenvolverem plenamente.

OLHANDO OS SUPER-HERÓIS: SUA HISTÓRIA E SEU POTENCIAL FORMADOR

Segundo Irwin, Morris e Morris, “um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura pop da atualidade é o forte ressurgimento dos super-heróis como ícone cultural e de entretenimento” (2005, p. 9).

No entanto, essas histórias em quadrinhos (HQs) não são tão inocentes quanto parecem e não se limitam a proporcionar entretenimento ao leitor. Elas introduzem e abordam, de forma vívida, questões de grande relevância enfrentadas por seres humanos comuns, como à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido da vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspereza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, às vidas em família, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas.

Talvez por estes motivos muitas pessoas se prendem ao universo dos super-heróis conferindo-lhe grande audiência. Os gregos antigos foram os primeiros a entender o que gera audiência. Segundo Aristóteles, ao experimentar sentimentos fortes e acontecimentos trágicos, esperava-se que as pessoas purificassem as próprias emoções. Assim, pode provocar no espectador/leitor a reflexão sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou conflitos entre a compaixão e a justiça.

As HQs surgiram como tira de jornais e, somente em 1937, surgiu o *Comic Book*, revistas em quadrinhos. Portanto, foi somente com o gênero de aventura que o indivíduo, na figura do herói, assumiu o papel predominante. Isso se deve às condições históricas que engendraram o novo gênero, como afirma Viana (2005): “a Crise de 1929 traz a necessidade de um indivíduo forte, resistente, um verdadeiro ‘herói’” (p. 22). Para Marny (1970), há uma ‘divinização do herói’, uma necessidade social construída. As HQs do gênero superaventura (super-heróis) vem substituir os quadrinhos com desenhos caricatos e histórias cômicas, características presentes desde o surgimento das HQs com ‘*Yellow Kid*’ em 1895. Os super-heróis nascem após a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, o que provocou uma catastrófica depressão econômica nos Estados Unidos, quando bancos foram à falência, pessoas perderam seus empregos e lares e a criminalidade cresceu. No continente europeu, ainda assolado pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, Adolf Hitler chegou ao poder, com promessas de grandes mudanças para o povo germânico. Segundo Morrison (2012), o palco estava armado para a resposta da imaginação do Mundo Livre.

Surgia neste terreno fértil o gênero das superaventuras e, com ele, a figura do super-herói. Conforme Chopra (2012): “esses super-heróis são desesperadamente necessários para solucionar nossas atuais crises em um mundo tomado por conflitos, terror, guerra, ecodestruição e injustiças sociais e econômicas” (p. 14). As HQs do gênero superaventura foram produzidas por aqueles que são oprimidos e não conseguem imaginar que são próprios agentes de sua libertação e, por isso, jogam suas esperanças nos heróis e como estes, na realidade, são praticamente inexistentes, o herói dos quadrinhos aparece como o seu substituto imaginário (Viana, 2005, p. 24). Nasceu, dessa forma, um dos objetos de entretenimento mais aclamado e consumido da cultura ocidental. Para Santos (1987), cultura se define como uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. Para Graeff (2017) cultura é “facilmente percebida como uma construção social, humana particular e histórica” (p. 67). Como se pode observar, o super-herói ganhou vida em meio às crises do século XX com a Grande Depressão e início da Segunda Guerra Mundial. (Weschenfelder, 2017). Para Knowles (2008), o povo norte-americano estava com medo por ter experienciado todos estes acontecimentos. Assim, os

personagens das HQs de superaventura “proporcionavam conforto e certa fuga da realidade” (Knowles, p. 23). Com as transformações sociais, a realidade cultural se transformou, sendo terreno prolífico para a criação desse objeto cultural, assim para Santos (1987), “Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência” (p. 8). As HQs de superaventura refletem seu tempo, traduzindo de forma ágil os acontecimentos históricos e sociais como uma forma de cultura para seus leitores.

Os super-heróis estimulam virtudes como a coragem, bem como a força para enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos e defender ideais (Weschenfelder, 2011). Neste cenário, eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si mesmos. Estes personagens são mais do que apenas ídolos, são modelos morais. Acredita-se que estes personagens da ficção vão além de simples objeto de entretenimento.

Na contramão do que muitas pessoas pensam, as HQs e suas adaptações para os desenhos animados de televisão e para o cinema não prejudicam a formação da criança e/ou adolescente, muito pelo contrário. No confronto do ‘Bem contra o Mal’, temática recorrente nas HQs, não há indução do leitor/espectador à violência, ao contrário, os ensinamentos acionam estratégias de resolução de conflitos com dignidade (Weschenfelder, 2011). Assim, as HQs podem vir a ser instrumentos pedagógicos potentes, principalmente para o encontro de exemplos de superação e enfrentamento de situações difíceis que remetem ao construto da resiliência (Masten, 2014; Walsh, 2005; Yunes, 2015).

Vejamos aqui um exemplo de como isso pode ocorrer na prática. A Mattel do Brasil, maior fabricante de brinquedos do país, em conjunto com o Instituto de pesquisa GFK Indicador, realizaram uma pesquisa com crianças, para entender a função que os heróis ocupam hoje no imaginário infantil. O estudo revelou que, dentre outros aspectos, esses personagens têm função essencial na formação das crianças. Os super-heróis estimulam virtudes nas crianças, como a coragem de enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais e combater o inaceitável. Mais do que ídolos, são modelos a serem seguidos. No entanto, não são desprovidos de medo e, justamente por isso, são fonte de coragem (GFK Indicador, 2008).

Outro exemplo emblemático sobre super-heróis e o enfrentamento de situações de estresse foi encontrado com os pacientes da ala de oncologia pediátrica do Hospital A. C. Camargo Center, em São Paulo. Esse hospital tornou-se conhecido por ter ganhado uma “super ajuda” no tratamento do câncer infantil, ou melhor dizendo, uma “Super-Fórmula”. Na tentativa de reforçar a esperança das crianças e alimentar a sua vontade de lutar contra o câncer, a ala da oncologia pediátrica do hospital A. C. Camargo Center foi transformada na *Sala da Justiça*, alusão ao local da equipe de super-heróis das histórias em quadrinhos da *DC Comics*. Heróis como *Batman*, *Aquaman*, *Mulher Maravilha*, *Lanterna Verde*, entre outros da *Liga da Justiça*, fazem muito sucesso e são populares entre as crianças. A ala foi toda redecorada: a sala de brinquedos se transformou em Sala da Justiça, portas e corredores foram adesivados e a fachada ganhou uma entrada exclusiva para os pequenos heróis, que na verdade eram os pequenos pacientes que sofriam com diferentes formas de câncer (A. C. Camargo Center, 2014). O projeto foi lançado em 2013 e contemplou uma série de ações que foram criadas pela agência JWT. A iniciativa teve como objetivo oferecer mais leveza ao tratamento do câncer infantil. Não somente a ambientação dos espaços foi modificada mas, também, os recipientes usados na quimioterapia foram remodelados e ganharam uma nova roupagem, envoltos por cápsulas baseadas nos uniformes dos super-heróis.

Usar os super-heróis, como foi o exemplo deste projeto, reforça a ideia central dessa proposta que é investigar e buscar promover “expressões de resiliência” em crianças que sofrem com a doença, trazendo as personagens como modelos de superação, coragem e força. A adaptação de objetos usados pelos super-heróis nos utensílios de medicamentos traçou um paralelo entre as batalhas dos personagens contra o mal e a batalha da própria criança contra o câncer. Esta abordagem trabalha com a ideia de invencibilidade, na medida em que a criança

usa como modelo o super-herói e sua superpotência que, simbolicamente, irá empoderar a criança ao invés de enfraquecê-la. Dessa maneira, 'convence' a criança, que, assim como o super-herói, ela tem poderes de enfrentar qualquer desafio como a batalha contra sua doença.

Entretanto, uma ideia pouco disseminada é que a grande maioria dos super-heróis das HQs sofreram ou ainda sofrem com adversidades sociais, lidando diretamente com questões socio emotivas. Estes trazem em seus enredos a superação das adversidades por intermédio do empoderamento e poder de enfrentamento dos males e sofrimentos de diversas formas. Assim, o simbolismo dos super-heróis como uma "ferramenta" de intervenção de competências socioemocionais e promotora de resiliência e empoderamento traz importantes benefícios a crianças e adolescentes no enfrentamento do sofrimento das adversidades sociais. Projetar estes personagens ficcionais como modelos de superação e possibilitar que as crianças em momentos vulneráveis de suas vidas se inspirem para superar seus sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma "virada" (Rutter, 1987) de grande significado para o resto de suas vidas.

Estudos demonstrados (Weschenfelder, 2017) tiveram como objetivo realizar paralelos entre as adversidades da vida real de crianças e jovens desfavorecidos (por exemplo, por abandono, abuso, etc.) e as histórias de vida ficcionais vividas pelos super-heróis, especialmente no estágio anterior à transformação desses personagens heroicos representadas por suas "capas e/ou máscaras e fantasias" (Fradkin; Weschenfelder; Yunes, 2016). Esses últimos transparecem ser o sinal simbólico de força e coragem para combater o crime e o mal (Weschenfelder, 2011). Tal fato levou-me a questionar e investigar quais seriam as implicações sociais, educacionais e políticas dessas semelhanças para a construção de programas de apoio e promoção de resiliência em diferentes ambientes educativos. A expressão "Pré-Capa/Pré-Máscara" é usada neste estudo para referenciar o período da vida com momentos difíceis do personagem ficcional, durante os quais os super-heróis não desempenham funções heroicas (Fradkin; Weschenfelder; Yunes, 2016; Weschenfelder, 2017).

A NECESSIDADE DE OLHAR AS FORMAÇÕES DOCENTES

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), as competências são capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas. Elas podem ser observadas em nosso padrão costumeiro de ação e reação frente a estímulos de ordem pessoal e social. Entre outros exemplos, estão a persistência, a assertividade, a empatia, a autoconfiança e a curiosidade para aprender. Exemplos de competências consideradas híbridas são a criatividade e pensamento crítico pois envolvem habilidades socioemocionais e cognitivas, favorecendo o desenvolvimento pleno estudantes e expandindo as oportunidades de aprendizagem escolar. O desenvolvimento das competências socioemocionais é um importante colaborador e impulsionador para a promoção do pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes em ambientes escolares. Juntamente com outras estratégias, o trabalho com aspectos socioemocionais contribui tanto para os processos de aprendizagem quanto para o desenvolvimento integral defendido pela BNCC (Instituto Ayrton Senna, 2020). A base pode ser um ótimo referencial para auxiliar docentes em reformular suas práticas. Mas há uma necessidade de formações contínuas para esses profissionais.

O ambiente escolar apresenta desafios de diversas naturezas, e, nesse contexto, os docentes frequentemente se sentem impotentes, muitas vezes devido à falta de preparação adequada para enfrentá-los. Quando se trata de vulnerabilidade social e situações de risco, essas dificuldades tornam-se ainda mais dramáticas. Para Gatti (2017), a formação do professor não contempla essas questões. Para a autora, muitos cursos de licenciaturas se mostram equivocados e alienados das realidades socioculturais contemporâneas.

Silva e Machado (2018) também evidenciam a necessidade de um outro e novo olhar sobre a formação. Consoante os autores, a formação continuada representa, "além de uma

necessidade, uma possibilidade de construir ações pedagógicas coerentes e viáveis nos contextos da ação profissional docente” (Silva; Machado, 2018, p. 96). Imbernón (2010) vai na mesma direção, assinalando, ainda, que há a necessidade de parceria entre a produção acadêmica e a Educação Básica, que, articuladas, podem desenvolver pesquisas significativas que convergem para as problemáticas enfrentadas no dia a dia escolar. Situam-se, nessa dinâmica, a formação de professores.

As formações continuadas não se constituem em novidade para os docentes, mas, com certa frequência, eles se frustram com as propostas, pois anseiam por soluções imediatas para dilemas que também são imediatos. Ainda, por vezes, as formações estão distantes da realidade e, assim, não conseguem atender às expectativas do público envolvido. Nestes casos, são olhares de fora, que, consoante Machado (2013), não contribuem para o desenvolvimento de uma autonomia profissional. É necessário, portanto, investir na inovação das formações, articulando as temáticas de maneira mais incisiva com a realidade escolar.

Gatti e Barreto (2009) levantam alguns elementos que incitam uma reflexão sobre a formação continuada de professores. Segundo as autoras, muitas formações são organizadas sem ambicionar sintonia com as reais necessidades e dificuldades de docentes e da escola como um todo. Além disso, não preveem acompanhamento e apoio sistemático da prática pedagógica dos docentes. Ainda mais grave é quando os formadores não têm o conhecimento necessário dos contextos escolares (Gatti; Barreto, 2009, p. 221). Diversos pesquisadores do tema alegam que há certa pobreza de iniciativas ousadas que rompem, de fato, com os modelos clássicos de formação docente (Vaillant, 2016; André, 2013), constituindo um elo entre a proposta e a realidade. Para Silva e Machado, “constata-se de forma veemente que uma ação formadora docente deve estar visceralmente articulada com a realidade dos problemas práticos do chão da escola” (2018, p. 108).

QUADRINHOS, HERÓIS E VULNERABILIDADES

Poucos profissionais da Educação acreditam que os personagens de superaventura possam ser usados como recurso pedagógico de motivação e inspiração no desenvolvimento de crianças. Ao tratar desse tema, Harris (2016) ressalta a eficácia de uma das estratégias usadas por uma educadora americana em seu trabalho, que foi possibilitar que as crianças vestissem indumentárias dos personagens das superaventuras. Com essa simples movimentação do mundo simbólico infanto-juvenil, alguns alunos revelaram sentir-se especialmente empoderados, seguros, confiantes e com a coragem e o olhar esperançoso de um super-herói (Harris, 2016). O trabalho de Harris sugere, ainda, que o trabalho escolar com os sentimentos de compaixão e preocupação solidária, sublinhados em várias histórias de super-heróis, pode ser uma ferramenta eficaz para prever e conter iniciativas de *bullying*. Isso está em consonância com os argumentos de Weschenfelder (2021) de que os super-heróis são modelos de valores de ética e educação moral. Nesse sentido, personagens super-heróicos apresentam potencial como recurso educativo e pode se fazer presente nas salas de aula (Weschenfelder, 2021) e em ambientes terapêuticos.

Mas, em que medida o personagem super-heróico pode auxiliar na fase anterior ao seu empoderamento, ou seja, antes de manifestar seus superpoderes, quando ainda está sem capas e máscaras que escondem sua identidade real? Constata-se que o super-herói na fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” está muito vivo e compartilha suas histórias com muitas crianças em situação de risco. Fradkin, Weschenfelder e Yunes, (2016), em um estudo que tinha como objetivo indexar as adversidades vividas pelos super-heróis, observaram que a grande maioria dos personagens de superaventura já viveu ou vive alguma adversidade: orfandade; abandono; membro da família assassinado; *bullying*; limitações econômicas; abusos e violência sexuais, entre outros. Entende-se que essas adversidades na fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” dos super-heróis apresentam potencial para promover o empoderamento de crianças e jovens de grupos vulneráveis (Fradkin; Weschenfelder; Yunes, 2016), facilmente identificáveis em ambientes

educacionais.

Os personagens super-heróicos já estão presentes no imaginário infanto juvenil e inclusos numa elaboração interventiva, passando a ter grande força de identificação lúdica e auxiliando o encontro de caminhos com gosto de empoderamento. Entretanto, cabe ressaltar que, em um ambiente de sala de aula, existe uma linha tênue entre se inspirar nos super-heróis e ter um profissional da educação como tutor para promover uma intervenção usando super-heróis.

DA FICÇÃO PARA A REALIDADE: OS HERÓIS COMO REFLEXOS

Os recursos inexplorados das adversidades comuns entre super-heróis no estágio “Pré-Capa/Pré-Máscara” e as vidas das crianças em situações de risco ou desfavorecidas socialmente merecem considerações cautelosas da comunidade científica. Para muitos cientistas e profissionais da educação, a proposta de empregar ícones da cultura *pop* em pesquisas, tais como os personagens dos quadrinhos, é desvalorizada por ser considerado um tema de questionável valor acadêmico.

Na verdade, as similaridades compartilhadas por esses dois grupos – super-heróis na fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” (Weschenfelder, 2017) e os riscos vividos por crianças e adolescentes menos favorecidos socialmente – podem ser a chave ou o motor de desenvolvimento para o empoderamento de pessoas que vivem uma multiplicidade de sofrimentos, como já tem sido demonstrado em algumas experiências isoladas (A. C. Camargo Center, 2014).

A inspiração e a intervenção com super-heróis têm se mostrado promissora tanto no ambiente escolar, especialmente no contexto da sala de aula, quanto no ambiente clínico (Harris, 2016; Rubin, 2007; Sayers, 2007). Esta promessa foi construída principalmente na força e no apelo do super-herói e sua fase super-heróica de super poderes, como narrativas mitológicas nos tempos atuais. Após realizar um mapeamento de intervenções que se utilizam das personagens super-heróis (Weschenfelder, 2017), concluiu-se que não há intervenções com exemplos da vida de sofrimentos e adversidades que permeiam as histórias dos personagens super-heróis. Além disso, poucas intervenções são realizadas no campo da Educação em diferentes países e continentes. Identifica-se uma tendência maior na aplicação dessas ideias no campo da Saúde.

A totalidade das ações pesquisadas demonstrou basear-se no período intitulado “Pós-Capa/Pós-Máscara”, ou seja, executa as ações com base nas transformações super-heróicas dos personagens como estímulo de debates, filmes e atividades em geral. Acredita-se que a fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” é fundamental e subutilizada para oferecer às crianças e jovens em situação de adversidade social um ponto de partida para transformação de si mesmas e de seus contextos. Os personagens das superaventuras podem servir de exemplo moral, ético e de empoderamento e resiliência, pois suas histórias são compatíveis com muitas trajetórias de crianças reais em situação de risco. Tanto na área da Saúde como na Educação há lugar e espaço para a fase pré-super-heróica como tema nuclear de intervenções positivas e promotoras de desenvolvimento.

Intervenções positivas na área da Educação com a imagem do super-herói como grande ícone da cultura e presentes no imaginário infanto-juvenil podem ser fonte de grande inspiração em qualquer ambiente institucional escolar. A criação de programas de intervenção usando a imagem dos personagens de superaventura no ambiente escolar pode ajudar positivamente nos processos de desenvolvimento socioemocionais nos estudantes envolvidos.

Usados em outras áreas, os super-heróis da HQs são fortes influências e podem empoderar crianças e adolescentes que buscam por definições e projetos de futuro consoantes com seus desejos e sonhos, assim como pensar em uma das competências exigidas da BNCC, o Projeto de Vida e Mundo do Trabalho (Brasil, 2018). Os ambientes pedagógicos para serem colocados à prova são inúmeros e, portanto, resta-nos o desafio de dar o próximo passo no sentido de testar intervenções.

Como experiência demonstrativa da aplicabilidade dos super-heróis em fase “Pré-Capa/Pré-Máscara”, foram realizadas intervenções em espaços escolares. Uma experiência piloto, buscou trabalhar com a autoestima dos alunos de Educação para Jovens e Adultos (EJA), geralmente em risco pela relação da idade com escolaridade. Com essas ideias em mente, foi realizada uma intervenção com super-heróis, na qual a fase “Pré-Capa/Pré-Máscara” dos personagens era o foco. Após a apresentação das adversidades vividas pelos super-heróis, solicitou-se que os alunos escrevessem um roteiro para criação de uma história em quadrinhos. A história deveria conter adversidades sociais e um ponto de virada (Rutter, 1987), além de finalizar com a transformação de vida ou uma busca por estas viradas e transformações. Durante a intervenção, os alunos receberam a orientação de que a história poderia ser a sua própria história de vida, caso se sentissem à vontade para tal. O exercício desta intervenção resultou no fato de que os participantes manifestaram que tomaram ciência de que em suas vidas houve pontos de virada e transformações. Os relatos evidenciaram que os participantes se sentiram bem e diziam-se fortalecidos por verem suas histórias de dor e luta transformadas em arte quadrinizada (Weschenfelder, 2016). As histórias deles foram desenhadas por um quadrinista convidado que voluntariamente se dispôs a colaborar com a proposta.

OS SUPER-HERÓIS COMO MODELOS MORAIS

Os super-heróis podem inspirar processos similares aos de tutores de resiliência, mesmo sendo ficcionais. Esses são fontes de inspiração positiva, como muitos estudiosos referem ao tratar do tema resiliência e tutores (Cyrulnik, 2009; Nascimento, 2007). Os personagens de superaventura fornecem certa estrutura afetiva ao seu leitor/espectador, sendo fontes de superação e que inspiram, mostrando como enfrentar de maneira mais positiva esse processo. O estudo GFK Indicador (2008) apontou que os personagens super-heróicos estimulam virtudes nos seus leitores/espectadores e os ensinam a enfrentar desafios e medos. Assim, mais do que ídolos, são modelos a serem imitados.

Para o filósofo grego Aristóteles (384 A.C.- 322 A.C.), os modelos virtuosos nos ensinam a ser cidadãos morais. Segundo ele, ao experimentar sentimentos fortes e acontecimentos trágicos (neste caso a trama nas telas ou na leitura de uma HQs), esperava-se que as pessoas purificassem as próprias emoções. Assim, pode provocar no espectador/leitor a reflexão sobre os problemas centrais da condição humana, como a natureza do destino ou conflitos entre a compaixão e a justiça. A finalidade do homem é a ‘eudaimonia’ (εὐδαιμονία), normalmente traduzida como ‘felicidade’, que uma atividade da alma designada com o nome de virtude. Ela não é uma inclinação nem mesmo uma aptidão inata, mas um hábito adquirido pelo hábito e espelhando-se no exemplo de outros. Para Aristóteles, a imitação é dotada de caráter criativo e ativo, constitutiva da natureza humana. A cada vivência ocorre uma experiência, assim o ser humano torna-se virtuoso, capaz de chegar a sua finalidade, que é a felicidade. Mas como o homem pode se tornar um ser humano bom? Segundo a teoria aristotélica, tornamo-nos homens bons através do hábito, pela prática e repetição, assim como tornamos bons na maioria das outras coisas. Mas como poderei saber o que significa realizar atos justos? Para o filósofo Aristóteles, a resposta desta questão está na observação. Se quisermos saber o que é um ato justo, devemos observar modelos em nossa sociedade, sábias e prudentes. Um modelo justo é alguém que com regularidade e confiabilidade pratica ações justas. Mas só observar não é suficiente para desejarmos ser justos. É preciso imitá-las e praticar tais ações realizadas por esses modelos, somente assim, poderemos adquirir estas qualidades morais.

Mais que modelos, os super-heróis das HQs são os mitos contemporâneos, e mitos são experiências de vida, contadas através de histórias (Campbell, 2012). Nesse caso, estas experiências estão nos enredos de uma HQ de superaventura, que trazem questões que todo ser humano enfrenta cotidianamente (Irwin, Morris e Morris, 2005). Ademais os mitos servem para compreensão de como se relacionar com o mundo em nossa volta (Campbell, 2008) e precisamos deste contexto simbólico que promova identificação de indivíduos e suas realidades. Os super-heróis vão além do entretenimento e os personagens tornam as coisas

mais divertidas e fáceis de enfrentar (Morrison, 2012).

Os personagens da superaventura podem servir de exemplo moral, ético e de empoderamento e resiliência, tratando com as competências socioemocionais, pois suas histórias são compatíveis com muitas trajetórias de crianças e adolescentes reais em situação de risco. Como resposta para isso, foi delineada uma proposta de intervenção positiva e promotora de resiliência em ambiente educacional (Weschenfelder, 2017), direcionada aos alunos de anos finais do Ensino Fundamental. Essa foi intitulada: “Seja o super-herói de sua própria vida”, usando a fase pré-empoderada dos super-heróis das HQs e elaborar e aplicação da intervenção propriamente dita em ambiente educacional, e assim elaborou-se um manual descritivo desta intervenção.

OS SUPER-HERÓIS COMO TUTORES DE RESILIÊNCIA EMOCIONAL

O Programa de Intervenção “Seja Super-Herói de sua própria vida” foi constituído por oito encontros, nos quais foram apresentados e enfatizados as adversidades e os momentos de vulnerabilidades sociais que os super-heróis vivenciaram. Foi discutido o momento de empoderamento desses personagens e suas respostas positivas a todo o sofrimento que tornam o super-herói forte e poderoso. Foi trabalhada a concepção de heroísmo que era anteriormente entendida como mitológica, a partir de seres fortes (com super poderes) que realizam trabalhos faraônicos. A intervenção apresentou e discutiu os heróis reais de nossa história. Após este entendimento, foi dada a tarefa de criar seus próprios personagens heroicos. Os super-heróis que resultaram das criações dos três grupos que se formaram para tal, mostrou que os super-heróis idealizados passaram por situações reais vividas ou presenciadas por seus criadores. O empoderamento desses personagens advinha da busca por soluções para seus próprios dilemas reais. Um importante resultado desta intervenção é que, tanto os personagens clássicos das superaventuras como aqueles criados pelos participantes do projeto, possuem o apoio de uma terceira pessoa e/ou instituição (no caso, a escola) para se ‘erguer e sobreviver’. Esse achado reitera que uma ação positiva em ambiente escolar a partir da imagem do personagem super-heróico pode ser um elemento de prevenção ao envolvimento em atos antissociais ou ilícitos, conforme foi afirmado na intervenção pelos próprios participantes (Weschenfelder, 2017).

O ambiente escolar é um dos contextos mais próximos de promoção de desenvolvimento pleno para as crianças e adolescentes (Bronfenbrenner, 1996). Porém, na realidade das escolas brasileiras, muitas situações de risco ameaçam e atravessam os processos de construção de aprendizagens saudáveis e de valores humanos e éticos. Assim sendo, essa intervenção psicoeducativa em ambiente escolar teve como propósito focar nesses aspectos usando a inspiração de super-heróis na sua etapa “Pré-Capa/Pré-Máscara”. Inúmeras são as experiências em campos diversos (principalmente na área da Saúde) que usam estes personagens em suas ações.

Os principais resultados da intervenção demonstraram que houve um entendimento do conceito de situações de risco e adversidades sociais. Essas, que até então eram percebidas como corriqueiras em seus meios, foram evidenciadas pelo programa de intervenção como potencialmente prejudiciais ao desenvolvimento, mas com possibilidades de “virada” para novas formas de atuar e ser. Assim como os super-heróis da ficção que também passaram por situações difíceis antes do seu empoderamento, os heróis históricos e cada um dos participantes também passaram ou ainda passam por dificuldades. A intervenção voltada para as competências socioemocionais destacou o aspecto da saúde psicoeducacional, demonstrando que isso não implica diretamente em enfraquecimento; pelo contrário, pode se transformar em processos de resiliência e fortalecimento.

A percepção que os participantes tinham sobre heroísmo era uma concepção mitológica de seres fortes, com poderes, realizando trabalhos hercúleos e desafios faraônicos. A ideia estava vinculada a ter super poderes. A percepção dos participantes foi se modificando à

medida que eram apresentados e discutidos os detalhes das características dos heróis reais (de carne e osso) de nossa história, assim como os da sua comunidade. Dessa forma, o programa buscou levar aos participantes uma compreensão de que o heroísmo não está atrelado apenas aos super poderes, mas sim, a outras questões mais complexas e de educação nas práticas relacionais de cuidado, bons tratos, e reciprocidade com equilíbrio de poder (Bronfenbrenner, 1996). Assim, compreendeu-se que qualquer pessoa, incluindo eles mesmos, pode ser esse "ser heroico", tanto para sua própria vida quanto para os outros ao seu redor. Como exemplifica a fala de um dos participantes: "Primeiro, o herói se torna herói de si mesmo (superação do desafio), para depois salvar os outros." Essa era a ideia central da intervenção: possibilitar que eles se tornassem e continuassem sendo seus próprios heróis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em intervenções socioemocionais vai ao encontro das competências vinculadas à BNCC (Brasil, 2018), sendo que crianças e jovens devem ser desenvolvidos em todas as suas dimensões, voltadas ao desenvolvimento pleno dos indivíduos, nos âmbitos cognitivo, socioemocional, híbrido, cultural, entre outros, preparando-os para fazer escolhas com base em seu projeto de vida. Assim, ações educacionais de prevenção e combate as adversidades vivenciadas por diversos alunos na Educação brasileira auxilia, também, no combate à evasão escolar; onde há pesquisas que demonstram que situações de risco e adversidades são influenciadores na escolha do abandono escolar.

Incentivar as competências socioemocionais por meio de intervenções escolares, especialmente para crianças e adolescentes que enfrentam situações de risco social, ajuda no desenvolvimento da tolerância ao estresse e à frustração, autoconfiança, empatia, respeito e confiança. Isso contribui para a organização pessoal, foco, determinação e persistência, aspectos essenciais para motivar o aluno a se abrir para o novo, desenvolver curiosidade para aprender, cultivar entusiasmo e assertividade, alcançando assim seu desenvolvimento pleno.

As HQs aparecem na BNCC (Brasil, 2018), como uma das produções artísticas que devem receber atenção em sala de aula. Sabe-se, entretanto, que a simples menção a determinado gênero em um documento oficial não garante sua efetiva presença em ambiente escolar. Para que, de fato, ele conquiste seu espaço, é preciso que o professor conheça sua natureza e as funções que lhe são atribuídas, para que ele possa, a partir disso, estruturar uma proposta de análise.

A partir da experiência das oficinas com os alunos, e, tendo em vista a importância de trabalhos direcionados aos professores, se vê a necessidade de desenvolver estudos, ações formativas, intervenção com professores, a partir da utilização de HQs de superaventura (super-heróis), trazendo o desenvolvimento de ações de competências socioemocionais.

Conforme apontado, o gênero em questão ainda é visto, por muitos, como puro entretenimento, incluindo, nesse público, parcela considerável de professores, o que demonstra desconhecimento em relação a ele. Nessa ordem, surge a formação de professores como uma alternativa viável e eficaz para reverter o quadro. A partir de propostas como a anteriormente apresentada, o público envolvido desenvolve e/ou aprofunda seus conhecimentos sobre arte em geral, arte sequencial, HQs em particular, além de ter a oportunidade de entrar em contato com experiências já realizadas e de criar projetos didáticos a serem aplicados em ambientes escolares que tenham como centralidade o gênero em questão.

A partir da leitura de HQs, os estudantes se deparam com histórias que introduzem e abordam de forma vívida questões de suma importância enfrentadas pelas pessoas, como a ética, a responsabilidade pessoal e social, a justiça, o crime e o castigo, a mente e as emoções humanas, a identidade pessoal, a alma, a noção de destino, o sentido da vida, a importância da amizade, o significado do amor, a vidas em família, a coragem, entre muitos outros temas. Ao fazê-lo, tornam-se melhor preparados pela vida, visto que ampliam suas experiências em

relação a ela, em especial, por meio da identificação com os personagens.

REFERÊNCIAS

- A. C. CAMARGO CENTER. **Super fórmula para combater o câncer**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GWwB0DTPDTw> . Acesso em: 2024.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 41–56, 2009. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/4>. Acesso em: nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAMPBELL, Joseph. **The hero with a thousand faces**. Novato, CA: New World Library (Original work published 1949), 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. 29. ed. São Paulo: Palas Athena, 2012.
- CHOPRA, Deepak. **As 7 leis espirituais dos super-heróis**. São Paulo: La Fonte, 2012.
- CYRULNIK, B. **Autobiografia de um espantalho**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FRADKIN, Chris; WESCHENFELDER, Gelson V.; YUNES, Maria Angela M. Shared adversities of children and comic superheroes as resources for promoting resilience: comic superheroes are an untapped resource for empowering vulnerable children. **Child abuse & neglect**, [S. l.], v.51, p. 407–415, 2016.
- GATTI, Bernadete A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v.17, n.53, p.721-737, 2017.
- GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba S. S. (coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO. 2009. Disponível em <https://l1nq.com/vT8rL>. Acesso em: nov. 2024.
- GFK Indicador. **Estudo exploratório do imaginário infantil**. Agosto 2008 (pesquisa exclusiva para Mattel).
- GRAEFF, Lucas. Cultura e Ideologia. In: BERNS, Z.; KAYSER, P. (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2017.
- HARRIS, K. I. Heroes of resiliency and reciprocity: teachers' supporting role for reconceptualizing superhero play in early childhood settings. **Pastoral Care in Education**, [S. l.], v. 34, n. 4, p. 202-217, 2016.
- IMBERNÓN, F. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- INSTITUTO AYRTON SENNA. **As 10 competências gerais da BNCC e as competências socioemocionais**. 2020.
- IRWIN, William; MORRIS, Mat; MORRIS, Tom. **Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. São Paulo: Madras, 2005.
- JUFFER, Femmie; van Ijzendoorn, Marinus H. Behavior problems and mental health referrals of international adoptees: a meta-analysis. **JAMA**, [S. l.], v.293, n.20, p.2501–2515, 2005. Disponível em: <https://acesse.dev/qVMZ9>. Acesso em: nov. 2024.
- KNOWLES, C. **Nossos deuses são Super-Heróis**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KRUG, Etienne G.; DAHLBERG, Linda L.; MERCY, James A.; ZWI, Anthony B.; LOZANO, Rafael (ed). **World report on violence and health**. Genebra: World Health Organization, 2002-2024 . Disponível em: <https://acesse.dev/RoOZH>. Acesso em: nov. 2024.
- MACHADO, J. A. **A escola como espaço de formação continuada de professores: um estudo no contexto da Rede Municipal de Ensino de Canoas-RS**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) -

- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2013.
- MARNY, J. **Sociologia das histórias em quadrinhos**. Porto: Civilização, 1970.
- MASTEN, A. S. **Ordinarymagic: resilience progresses in development**. Nova Iorque; Londres: The Guilford Press, 2014.
- MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo: Seoman, 2012.
- NASCIMENTO, L. R. do. Promovendo tutores de resiliência: Relatos de uma experiência com educadoras em uma “Casa – Abrigo”. **XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**. 2007. Disponível em: <https://acesse.dev/DxRxC>. Acesso em: nov. 2024.
- REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. **Balço do Disque 100: mais de 40 mil denúncias de violações de direitos de criança e adolescente**. Brasília: Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância. 2015.
- RUBIN, L. C. Superheroes and heroic journey: Re-claiming loss in adoption. Creative interventions in grief and loss therapy. *In*: DUFFEY, T. (ed.). **When the music stops, a dream dies**. Nova Iorque: Routledge, 2007, p. 237-252.
- RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, [S.l.], v. 57, n.3, p.316-331, 1987.
- SANTOS, J. L. **O que é Cultura?** 6. ed. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1987.
- SILVA, G. F.; MACHADO, J. A. Saberes em diálogo: a construção de um programa de formação docente em uma rede municipal de ensino. **Revista Ibero-Americana de educación**, [S.l.], v. 77, p. 95-114, 2018.
- SAYERS, J. M. The Incredible Hulk and Emotional Literacy. *In*: RUBIN, L. C. (ed.). **Using superheroes in counseling and play therapy**. Nova Iorque: Springer, 2007, p.89-101.
- VAILLANT, D. Análisis y reflexiones para pensar el desarrollo profesional docente contínuo. **Revista Educar**, [S.l.], Especial 30 aniversário, p. 55-56, 2014. Disponível em <https://acesse.dev/1J9HI>. Acesso em: nov. 2024.
- VIANA, N. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Editora Roca, 2005.
- WESCHENFELDER, G. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2011.
- WESCHENFELDER, G. (org.) **EJA – Desafios e conquistas: um panorama da educação de Jovens e adultos em Novo Hamburgo**. Porto Alegre: Pacartes, 2016.
- WESCHENFELDER, G. **Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescente em situação de risco**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade La Salle, Canoas, 2017.
- WESCHENFELDER, G. **Aristóteles e os super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: EducaPop, 2011.
- WINDLE, Michael; GRUNBAUM, Jo Anne; ELLIOT, Marc; TORTOLERO, Susan R.; BERRY, Sandy; GILLILANG, Janice; KANOUSE, David E.; PARCEL, Guy S.; WALLANDER, Jan; KERLDER, Steve; COLLINS, Janet; KOLBE, Lloyd; SCHUSTER, Mark. Healthy passages: a multilevel, multimethod longitudinal study of adolescent health. **American Journal of Preventive Medicine**, [S.l.], v. 27, p.164-172, 2004.
- ZAPPE, Jana G.; DELL’AGLIO, Débora D. Risco e Proteção em adolescentes que vivem em diferentes contextos: família e institucionalização, **Revista Colombiana de Psicologia** [S. l.], v. 25, n. 2, p. 289–305, 2016.

Submetido em: 04/11/2024.

Aprovado em: 26/12/2024.